

RITA, a mulher de vida fácil

por Leandro Paul

Rita foi vista na passada quarta-feira a percorrer a Avenida 24 de Julho, no seu habitual andar bamboleante, próximo da Cervejaria «Piripiri». Acabara momentos antes de dobrar a esquina vinda da Avenida Julius Nyerere. Na mão esquerda trazia dezenas de macãs que se apertavam no interior de um saco transparente. Na outra, levava um segundo saco que, devido à cor branca, se tornava difícil distinguir de longe o que continha.

Pelo rumo que tomou, deveria ir apanhar o machimbombo na terminal próxima do Museu, quatro esquinas mais adiante.

O leitor talvez conheça a Rita a que nos referimos neste texto. É uma moça, cuja idade oscila entre os 17 e os 22 anos. Tem cerca de um metro e sessenta de altura e o corpo relativamente magro e pouco redondo. Os lábios são grossos e mostram sinais de pintura a vermelho. As maçãs do rosto são muitas vezes borradas da mesma cor, embora contrastem com a cor escura da pele. As sobancelhas são alongadas com lápis preto, dando ao rosto um ar sombrio e de mulher mais velha.

Rita, quando falou connosco utilizou muitas vezes expressões

tímidas, talvez para esconder o ar atrevido com que muitas vezes se apresenta em outras ocasiões.

Tem esmero em se mostrar bem vestida e sente um prazer doentio em se remexer em sinal de provocação, como quando se bamboleia ao andar. Veste calças que acabam nos joelhos e camisete decotada, com cores berrantes.

É ela própria quem conta a história da sua vida:

— Chamo-me Rita. Somente Rita. Não gosto de dizer a minha idade. Alguns dizem que tenho 18 e outros vinte e três. Mas prefiro que as pessoas adivinhem — diz-nos ela.

Quando lhe perguntámos se tinha deixado de estudar há muito tempo, ela respondeu:

— Estava eu na sétima classe. Já estava cansada de estudar. Foi quando comecei com esta vida. Como eu já não queria estudar, alinhei com algumas amigas, pois elas diziam-me que essa vida dava dinheiro, incluindo algumas divisas. Eu própria via que elas andavam bem vestidas, com roupas estrangeiras.

— Foram muitas as suas colegas que deixaram de estudar?

— Não. Cada um é como é. Eu gosto e as minhas amigas também gostam de frequentar restaurantes e bolões. Algumas têm «amigos» que as sustentam. Compram-lhes roupa estrangeira e trazem coisas da Suazilândia. Andamos nos carros e gozamos. Algumas vivem por vezes nas casas dos amigos.

— Mas quando esses amigos as deixam, como é que fazem?

— Isso não é problema. A gente sempre arranja outro...

Rita, em seguida, explicou-nos o que fazia com o dinheiro que ganhava:

— Vivo do que arranjo. As vezes tenho sorte com alguns dos meus amigos que me dão dinheiro estrangeiro, para ir à «França». Compro algumas coisas, como maçãs e outra comida que há lá na «França». Compro também sapatos como as «Melissas» que agora estão na moda, roupas, «jeans», camisetas, perfumes e outras coisas. Também compro bebidas que levo para casa de um amigo onde vivo... Tenho muitos amigos. A casa onde moro

aqui em Maputo é de um amigo, pois a minha casa fica na Matola, é onde vive a minha mãe e a minha filha de um ano.

Rita dorme ou fica em casa a maior parte do dia.

— Só à noite é que ando por aí — diz ela.

Falamos da Rua do Bagamoyo, antiga Rua Araújo. Ela disse:

— Eu não me comparo com essas da Rua Araújo. Eu tenho classe para me comparar assim com essas... Por uma cerveja são capazes de se juntar a qualquer um...

— Está satisfeita?

— É difícil de responder. A gente nunca pode dizer que está satisfeita com o dinheiro que tem. Quase que agora já não tenho nenhum... Eu gostava era de comprar um «stereo» que há lá na «França».

A Rita, na ocasião em que falara connosco, não dissera, mas soubemos que a filha nascera porque, tardiamente, não pudera abortar.

Na altura, segundo pessoas conhecidas, Rita teria dito que a criança iria «estragar a sua vida». Contudo, alguns meses depois de ter nascido, a filha foi entregue aos cuidados da mãe, na Matola.

Entretanto, ela e algumas amigas, têm-se alojado em casa de um amigo. Este tem como contrapartida algumas facilidades da vida de Rita.

Quando lhe perguntámos o que pensava deste tipo de vida, ela não respondeu. Porque mesmo que o não diga ela sabe o preço de fazer do corpo uma mercadoria e de trocar a dignidade de mulher por um pedaço de ilusão.